

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 15, QUAI VOLTAIRE

Dirige todos os pedidos de assinaturas e numeros
simples : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 45, RUA
DA ATALAIA, LISBOA ; e no Brasil, ao sr. JOAQUIM DE
MELLO, 38, RUA DA QUINTA DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO.
Preço do número é de 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 15

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 45, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO	3.600 REIS
BENEFICIO	1.300 —
TRIMESTRE	600 —
AVULSO	300 —



O BORRACHO
QUADRO DE GASTÃO VUILLIER.



CHRONICA

O ESPECTRO

O nosso director Mariano Pires, achando-se em viagem em Portugal, não pôde mandar para este numero a sua chronica, prometendo-nos para o proximo numero uma chronica de Lisboa. Lembramo-nos, pois, de arrancar a n.º 11 do *Espectro*—d'este *Espectro* que tanto sensação tem causado na política portuguesa — um paginino onde nosso director faz a critica dos partidos monarchicos, e da errada politica que estão seguindo, em prejuizo das proprias instituições que pretendem proteger.

A critica é aspera, tanto na sua forma, como na sua independencia. Comprehendemos a furiu que o *Espectro* tem provocado da parte dos jornaes governamentaes. Mas damos uma amostra de pamphlet, para que os leitores vejam que o polemista nunca desce a expressões menos correctas, para traduzir os sorrisos da sua satyra secoal.

N.º 11 R.

A O lêr os artigos desoladores da imprensa progressista, chega-se á terrivel conclusão de que não é só a situação regeneradora que está pôdre, — mas sim toda a politica dos partidos monarchicos.

Sente-se perfeitamente que estamos á beira — ou d'uma transformação, ou d'uma revolução. O que nós estamos, é assistindo á agonia do liberalismo 1830, ao entero dos velhos processos de governo, de que Fontes era o ultimo representante em Portugal, e creio mesmo que em toda a Europa.

E como nos achamos em face de novos problemas politicos, sociaes e economicos; e como os herdeiros de Fontes se vêem forçados a reconhecer que já não estão á altura da gravidade das circunstancias — mas não querem dar o seu braço a torcer; — sucede que tudo apodrece e se desfaz, lentamente, empéstando os ares...

Quando a carroça do lixo tiver levado da estrada esse cadáver do velho liberalismo rhetorico e romantico, — então virá a tal transformação, ou a tal revolução...

Eu aposto pela transformação. Ela tem facilmente de se operar nas chamadas classes dirigentes — talvez assim chamadas por não dirigirem coisa alguma em termos! As taes classes já para ali se acham voltadas, atendendo a que os actuaes processos de governo estão gastos e desacreditados, e é necessário e urgente fazer política nova.

Quanto á revolução, teria de rebentar da onda popular; e quando não rebentou em 11 de fevereiro de 90 — já não rebentou tão cedo...

O povo portuguez está pouco disposto a fazer revoluções, não só porque não vê o principio ou a ideia que valha a pena de lhe arriscar a pele, — como também se acha n'um profundo estado de ignorancia para poder comparar a sua situação (que é miseravel) com a de outros povos do centro da Europa, como o belga, o holandese e o suizo.

Em quanto em Portugal a massa dos trabalhadores dos campos e das cidades não tiver uma comprehensão exacta dos seus deveres e dos seus direitos, não tiver a consciencia das regalias po-

liticas e sociaes a que todo o homem livre tem jus, — uma revolução é uma coisa impossivel, uma revolução é uma chimera. A não ser que amanhã appareça um governo suficientemente estupido — e tudo pode acontecer em Portugal! — que augmente n'uma tal proporção os impostos que, para os pagar, precisem os trabalhadores de empenhar as enxergas e os seus instrumentos de trabalho...

**

A questão colonial, por mais desastrosa e vergonhosa que seja a sua solução, também não é de molde a excitar e revolucionar o povo.

O povo portuguez não sabe, nem saberá n'estes 50 annos mais proximos, o que é a Africa, e que riquezas possue o continente negro...

Nem os proprios jornalistas o sabem! Não se zanguem, porque lhes vou dar já um exemplo.

Tenham a bondade de percorrer os jornaes d'este anno que fallaram da vinda a Lisboa da embaixada do Maputo.

Essa embaixada de pretos foi assumpto para notícias de risota, na sua maior parte saturadas de faccetas e graccejos suficientemente avariaos. Poucos jornaes tomaram a sério os pretos do Maputo.

Pois no dia em que a rainha d'aquele territorio se deixar embalar pelas intrigas dos missionarios ingleses, e deixar de prestar vassallage à coroa de Portugal, — teremos a Inglaterra a apoderar-se de Lourenço Marques, como agora se apoderou da região do Chire.

Que os nossos jornalistas, que tanto riram da embaixada do Maputo, se deem ao trabalho de lér a « Decisão arbitral do Presidente da Republica francesa, entre a Grã-Bretanha e Portugal, relativa á batalha de Lourenço Marques, que teve lugar em 24 de julho de 1875. » — Encontram-na no tom. III, pag. 577, do *Nouveau Recueil général de traités*, de Ch. Samwer e Jules Hopf.

Ahí verão que a arbitragem do marchal de Mac-Mahon na questão de Lourenço Marques, entre Portugal e a Inglaterra, teve por fim reconhecer os direitos de Portugal sobre o territorio de Tembe, e sobre o territorio de Maputo, comprehendo este a peninsula e a ilha de Inyack (Inhaca), assim como a ilha dos Elefantes.

Felizmente para nós que os embaixadores do Maputo ainda ignoraram os segredos da arte typographica, e o prazer que sente o branco com a leitura quotidiana e matinal das gazetas. Aliás teriam percebido que seriam mais bem acolhidos em Londres ou em Berlin: — e lá se ia uma parte de Lourenço Marques pela agua abaiixo...

**

E n'estas e n'outras ignorancias não só do povo, mas dos proprios jornalistas, que se vêem a fundo o ministerio, para continuar representando a funebre farçada da nossa decadencia colonial...

A não ser que um qualquer movimento operario em Lisboa e Porto atire com essa filarmónica de ávante-canecences de pernas para o ar: — mandando Metternich para Canecas chorar as suas desgraças d'estadista nos braços do sr. conde de Valenca e do sr. visconde de Faria; mandando o sr. Arouca janotear e monoculizar para as frissas de S. Carlos; e mandando o sr. João Arroyo para Coimbra, de novo dirigir e afilar os orphéones e sol-e-dós que tanta fama lhe deram por essas margens do Mondego..

O rei da *Mascotte*, depois de destronado, passou da posição lucrativa de rei, á humilde condição de tocador de realjeo.

O proprio Napoleão I, depois de imperador dos franceses, tambem acabou os dias plantando couves em Santa Helena.

Não é pois para admirar que ainda vejamos um conselheiro d'Estado — vítima dos baldões da politica — tomar a direcção philharmonica dos *prussianos do Seixal*...

Que a *comedia tragic* de que fala as *Novidades* dure ainda mais seis mezes, e mesmo mais um anno — pouco deve affligr o nosso paiz.

Nós descemos tão baixo, e tão aviltados andamos aos olhos da Europa, que já não ha mais desastres que nos possam affligr profundamente.

Isto de mineria é exactamente como o frio em Paris. O que é duro de roer, é quando a temperatura desce até seis graus abaixo de zero. Depois perde-se a sensação; e tanto frio se sente quando o thermometro desce a seis, como quando desce a doze graus...

Levamos o primeiro pontapé da Inglaterra, no dia 11 de janiero de 90. Berrâmos, protestámos, vociferámos, gritámos vingança e guerra ao inglez... Deitámos um ministerio a terra, fizemos demonstrações nas ruas, abrimos subscrições para comprar couraçados e para defender as colonias. Fizemos o diabo...

Depois veio para o ministerio dos estrangeiros o sr. Hintze, que elevou o pontapé inglez á altura d'uma instituição. Nem sei como se não lembrou de fundar a ordem colonial do pontapé!

E hoje — graças á dictadura, ao sr. Hintze, á polícia de chanfallo em punho e aos cavallos da municipal — estamos de tal modo acostumados ás ladroices de lord Salisbury, que já o insulto britanico e particularmente salisburyno, passou a ser um elemento da nossa vida quotidiana, como o café com leite, e o pão com manteiga — ingleza!

Pode pois a *comedia tragic* durar a vontade mesmo mais um anno.

Porque se essa *comedia* hoje terminasse, estou certo que a nova situação ainda havia de ser mais difícil, e talvez mesmo mais perigosa.

Admitamos que o gabinete do sr. Serpa dá hoje a sua demissão, antes de ter resolvido a pendencia com a Inglaterra.

Quem é que o ia substituir? Quem é que El-Rei (que na opinião do sr. Serpa, não tem a experiência nem a pratica dos negocios publicos) havia de chamar para formar um novo ministerio?...

No reinado do sr. D. Luiz, vis-se o Poder simultaneamente disputado pelo partido *conservador* tendo por chefe Fontes Pereira de Melo, e pelo partido *liberal* tendo por chefe Anselmo Braancamp, depois da sua morte substituído pelo sr. José Luciano de Castro.

Com a morte de Fontes, o partido *regenerador*, minado por mil vaidades mais ou menos cencences, desfez-se completamente. O que abri está no poder, nem é a sombra d'um partido. E' um ministerio anarchico e indisciplinado, onde todos mandam, onde todos impõem á sua vontade, sem ninguem querer obedecer ao seu chefe — porque todos os ministros se julgam chefes.

Quanto ao partido *progressista*, tambem o venos dividido, apesar de todas as apparencias de solidariedade e de disciplina. Basta lêr com alguma attenção as folhas *progressistas*, para ver que não seguem o mesmo plano de critica e o mesmo ponto de vista politico; para se sentir por detrás de cada *artigo de fundo*, um chefe que fala e quer que a sua palavra seja a unica escutada, e a unica infallivel.

Basta olharmos para a attitudo do partido *progressista* nas ultimas elecções de Lisboa, para vermos que as forças do partido se acham divididas; que ha *progressistas* que obedecem a X..., outros que obedecem a Z..., e que o sr. José Luciano difficilmente poderá afirmar que todos os *progressistas* obedecem ás suas instruções e á sua vontade.

D'aqui se conclue, que é conveniente que a *comedia tragic* continue cada vez a pior, para que hoje uma *transformação* dos partidos, no dia em que a crise política, seja mais grave...

Se assim não for, se voltarmos ao desacreditado sistema dos ministérios de transição, genero duque d'Avila e Bolama, veremos a monarquia entrar n'um período de maiores dificuldades políticas, financeiras e sociais, que a hão-de conduzir fatalmente ao seu total descredito, ou a sua completa ruína...

Os elementos conservadores dos dois partidos monárquicos, tem fatalmente de se aggragar e formar a direita da cámara. E dos elementos liberaes e democráticos dos dois partidos tem fatalmente de surgir um partido novo, com um programma de governo claramente definido, para poder merecer a confiança das classes que hoje são sacrificadas aos vícios e aos erros da actual administração do Estado.

Se os monárquicos portugueses amam realmente a Monarquia, e se não querem ver aumentar cada dia a onda republicana que tanto os assusta, e que n'um dia de crise económica nos pôde lançar n'uma guerra civil como a de 32, — só devem pensar, não em derrubar o actual ministério, mas em precipitar a transformação dos dois partidos de governo.

Se vossas senhorias são sinceramente monárquicos, e não políticos de bandeirinha, com um pé na Monarquia e outro pé na República (vide sr. António Ennes) — tenham a suficiente fé monárquica para sacrificar vaidades e appetites, limitando distintamente e quanto antes os dois campos — direita conservadora, e esquerda liberal e democrática.

Teríamos d'um lado os homens de Autoridade, do outro todos os defensores da Liberdade. A política passaria a ser séria e comprehensiva, sem mascaras e hipocrisias, sem os mesmos compromissos e as tais compensações — que a tudo o povo chama *tradiccias*, e o povo assim dizendo é mais justo e mais sincero no seu dizer, que todos os críticos que se coçam pelos hombros de *Havaneza*.

Também acabava por uma vez esta *comedia* da oposição progressista: — as *Noividades* aplaudindo as medidas dictatoriais do sr. Lopo Vaz; e o *Dia* fazendo círculo com os republicanos contra a ditadura!

Os partidos precisam ser jocirados. — Trigo grosso para um lado; trigo miúdo para o outro; e o joio para a valla commun do esquecimento...

Os srs. políticos tem deante de si uma geração de homens de 30 anos, desiludidos dos partidos monárquicos, porque ambos affectam liberalismo, democracia e até demagogia quando são oposição, e passam em 24 horas a ser cunhamente reacionários e absolutistas, porque chegaram ao poder...

N'estas deploráveis circunstâncias, a nossa geração continuará sendo platicamente republicana, — enquanto não vir um partido ser conservador no governo assim como na oposição, e outro partido ser liberal na oposição assim como no poder...

Tratem pois de operar a *transformação* dos dois partidos; de definir os dois campos de luta — para se saber em nome de que princípios e por que teorias se combate.

Tratem de formar dois partidos distintos — partido de Autoridade e partido de Liberdade com programas políticos, económicos e sociais perfeitamente determinados. E verão a política portuguesa sair-se d'esse lamaçal em que hoje se emporelha e se deshonra, e tomar novo rumo, seguro, sereno e sério.

Mas enquanto não tiverem coragem bastante

para o fazer, a anarquia política continuará lavrando por todo o país...

E se vossas senhorias se não apressam, se não traem de mudar de vida antes da proxima legislatura de 91, — então o terremoto talvez seja fatal...

Relendo o que deixo escrito, e comparando o que escrevo, com os artigos ultimamente publicados na imprensa *progressista* e *regeneradora*, — afigurase-me que sou mais monárquico que os próprios monárquicos do governo assim como da oposição, porque indico a única maneira de restaurar a nossa desacreditada política indígena, e de fazer com que na monarquia encontrem lugar os elementos democráticos que andam dispersos pelo país.

Também este espírito de tolerância vai certamente surprehender muitos leitores do *Espectro* que são declaradamente republicanos, e que me consideram como um feroz demolidor de tronos.

E' preciso que todos se convençam que eu não sou, nem um *monárquico-constitucional*, nem pouco um *republicano-unitário*; e que não tenho nenhuma confiança nas revoluções populares isoladas, nas revoluções que não seguem uma corrente que se estabeleça por toda uma raça, que não sejam a consequência d'uma ordem de ideias agitando uma geração ou uma época.

Porque ha revoluções e revoluções. Umas realmente revoluções, outras são apenas *chafaricas*. Umas transformam radicalmente um povo, ás vezes uma raça, outras vezes o mundo inteiro. Enquanto que as outras — as *chafaricas* — servem apenas para combater um adicional de 6 por cento, ou para derrubar um ministro, ou um ministério.

Para revoluções ainda não estamos preparados. Quanto ás *chafaricas* e nos *chafariqueiros*, tenho por elles o mais inabalável dos desprezos.

E' por tudo isto que entendo que a Monarquia deve ser tolerante, se não quer provocar uma revolução; e que os partidos monárquicos se devem transformar, — se não querem que a *chafarica* aumente, o que equivale á nossa ruína política, social e económica.

E aos intransigentes monárquicos e aos intransigentes republicanos a quem estas teorias possam desgradaír, recomendo a meditação das seguintes linhas de Proudhon:

— Nenhum democrata se pôde dizer puro de qualquer monarquia; nem nenhum partidário da monarquia se pôde vangloriar de ser isento de republicanismo. Fica pois assente que a democracia não tendo parecido, repugnar á ideia dinástica, nem tão pouco á ideia unitária, os partidários dos dois sistemas não tem o direito de se excommunicar, e a tolerância inculbe-lhes mutuamente.

MARIANO PINA.

PROFISSÃO DE FÉ

Le poète est ciseleur,
Le ciseleur est poète.
Victor Hugo.

Não quero o Zeus Capitolino
Herculeo e bello
Talhar no marmore divino
Com o camartello.

Que outro — não eu! — a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Athene o altivo porte
Descommunal.

Mais que esse vulto extraordinario,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicario
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo :
Imito o amor
Com que elle, em ouro, o alto relevo
Fiz de uma flor.

Imito-o. E pois, nem de Carrara
A pedra firo :
O alvo crystal, a pedra rara,
O onyx preito.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A penna, como em prata firme
Corte o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéa veste :
Cinge-lhe no corpo a ampla roupagem
Azul-celestie.

Torce, aprimora, alteia, lima
A phrase; e, emfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrophe crystallina,
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito :

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Bocerril.

E horas sem contô passo, mudo,
O olhar attento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever — tanta pericia,
Tanta requer,
Que officio tal... nem ha noticia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha penna
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Fórm'a!

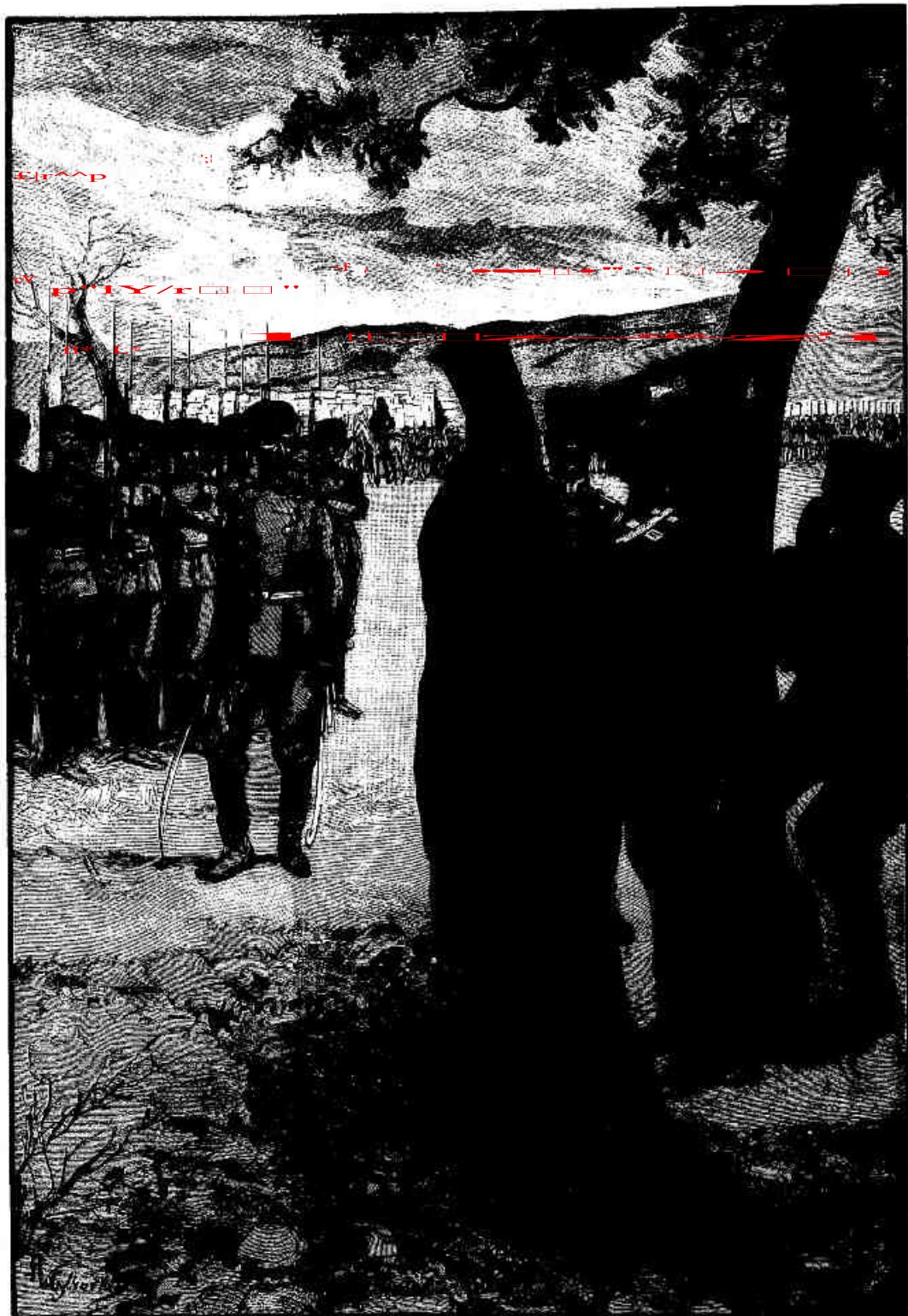
Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer, e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasphemó, em grita surda e horrendo
Impeto, o bando
Venha dos barbaros crescendo,
Vociferando...

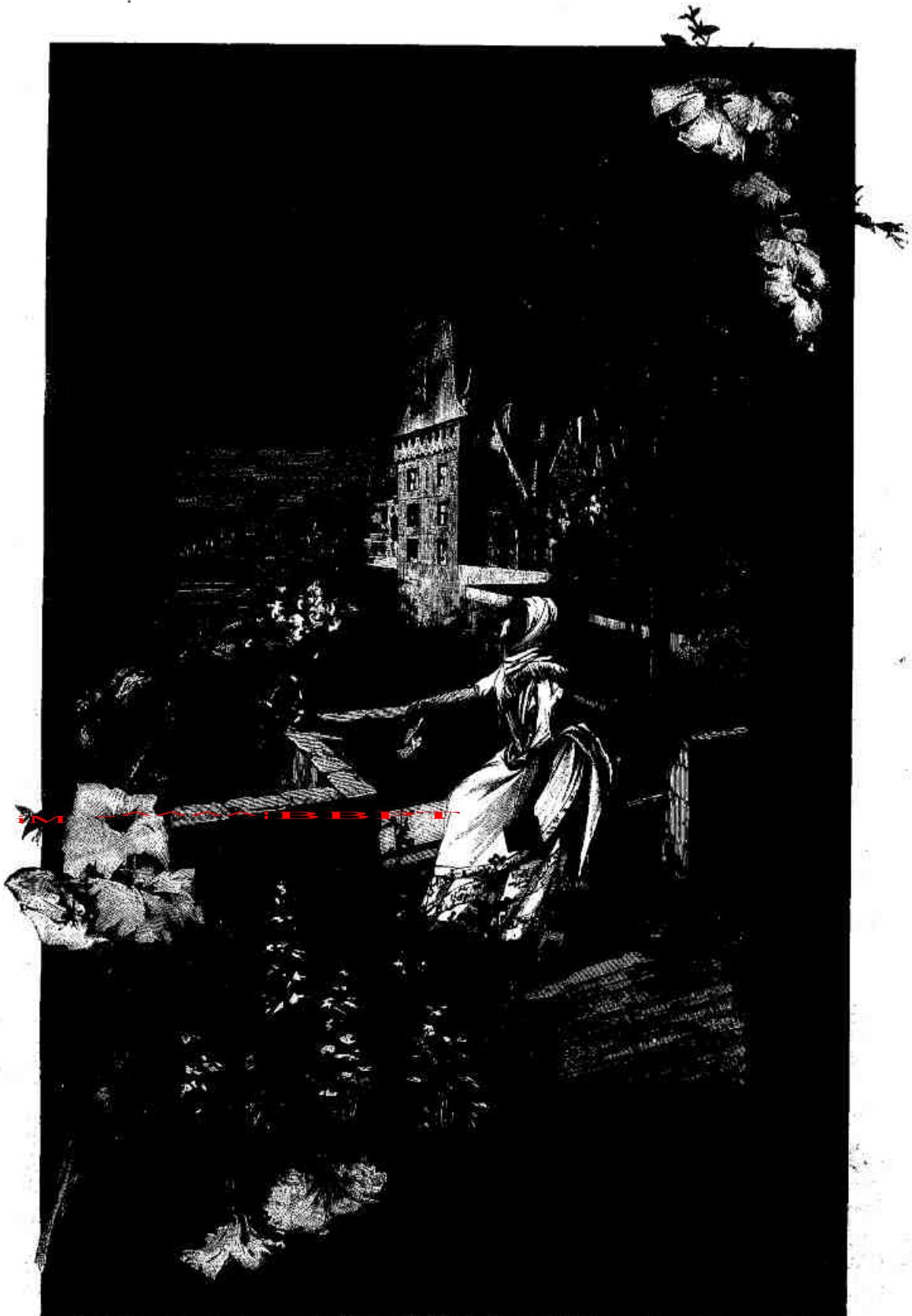
Deixa-o : que venha e uivando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os sómugre, armada e prompta,
Radiante e bella :
E, ao braço o escudo, a raiva affronta
D'essa procella!

Este que á frente vem, é o todo
Possue minaz,
De um Vandalou ou de um Wisigodo
Cruel e audaz;



BULGARIA. — A EXECUÇÃO DO MAJOR PANIZZA.



Este, que, d'entre os mais, o vulto
Férrenho alteia,
E, em jacto, expelle o armado insulto
Que te enlameia;

É em vão que as forças cança, e á lucta
Se atira: é em vão
Que brande no ar a maça bruta
A' bruta misão.

Não morrerás, Deusu sublime!
Do throno egregio
Assistirás intacta no crime
Do sacrilegio.

E, se morreres porventura,
Possa eu morrer
Comtigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ará partida,
E a Arte immortal nos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derribar do eterno solio
O Bello, e o som
Ouvir da queda do Acropolio,
Do Parthenon!...

Sem sacerdote, a Crénça morta
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo augusto!...

Ver esta lingua, que cultivo,
Sem ouropeis,
Mirrada ao halito nocivo
Dos infieis!...

Não! Morra tudo o que me é caro,
Fique eu sosinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!

Que a minha dôr nem a um amigo
Inspire dô...
Mas, ah! que eu fique só comtigo,
Comtigo só!

Vive! que eu viverei, servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custodias esculpindo
No ouro mais puro.

Celebrarei o teu ofício
No altar: porém,
Se inda é pequeno o sacrifício,
Morra eu também!

Caia eu também, sem esperança,
Porém tranquillo,
Inda, no cahir, vibrando a lance,
Em prol do Estylo!

Rio de Janeiro,

OLAVO BILAC.

AS NOSSAS GRAVURAS

BELLAS-ARTES.— MOÇIDADE!

Quadro de Chaplin.

NÃO é a primeira vez que a ILLUSTRAÇÃO oferece aos seus leitores a reprodução d'um quadro do illustre pintor francês Chaplin. Nos volumes já publicados encontram-se algumas das suas obras mais delicadas, destacando brilhantemente por entre os nomes célebres dos mestres contemporâneos que a ILLUSTRAÇÃO tem vulgarizado em Portugal...

E é este o orgulho da nossa obra de sete annos. Quando fundimos a ILLUSTRAÇÃO, tivemos sempre por principal fito, mostrar ao público português as obras-primas dos modernos artistas.

Todos acharam o plano arrojado, atendendo ao prego excessiva da gravura e da impressão, e ao limitado numero de amadores que existe no nosso paiz. Mas nós confiavamos no público; sentíamos que o público português ambicionava mais alguma cousa do que as gravuras que lhe eram fornecidas pelo Occidente — aliás imensamente portuguesas; — e lançámos a nossa revista contra a opinião dos que assistiram ao seu fundamento. E hoje já estamos no setimo volume! E ainda há quem duvide do público!...

A ideia da nossa ILLUSTRAÇÃO acordou já a dois editores portugueses a ideia de seguir as nossas páginas, ou de nos exceder em atraentes. Esse facto regozija-nos, e é por assim dizer o elogio da nossa obra, pois que ela foi estimular a concorrência.

Mas nós não nos desviaremos um instante do caminho que nos trazemos. Nós queremos principalmente vulgarizar as obras mais notáveis da arte contemporânea. E é por isso que daremos sempre o lugar de honra aos bellos quadros, como este de Chaplin, que é uma das páginas mais notáveis do Mestre, e que figura no museu do Luxembourg (Paris).

Chaplin é sobretudo um grande retratista feminino; e as suas tólas, pela sua graça, simplicidade e poesia, e pelo encanto e frescura do colorido, são uma notável continuação de toda a pintura francesa do século XVIII.

Quanto à gravura, a sua execução não pode ser nem mais delicada, nem mais assombrosa. Já não temos adjetivos para falar no horil do nosso ilustre amigo e colaborador Ch. Baudé.

Estamos certos que a *Macidado!* vai adorar muita das salas onde a ILLUSTRAÇÃO é recebida com prazer e verdadeira sympathy.

O BORRACHO.

Quadro de G. Vuillier.

O sr. Gastão Vuillier mostra-nos um tipo de antigo bebedor, um tipo que parece inspirado das obras de Rabelais, e para quem o vinho resume todo o prazer da vida e a origem da absoluta felicidade.

E de tanta *verve* é impregnada esta tela que até nos faz lembrar o famoso *testamento* da borracha Maria Parda, de Gil-Vicente, quando ella determina:

Levar-me-hão em hum andor
De dia, ás horas certas
Que estiu as portas abertas
Das tavernas per' hu for.
E hei, pois mais não pude,
N'hum quanto por atitude,
Que não tivesse agiu pe
O sacerdote a Noé
Cantei sempre a meido.

Diane irá mal sem pejo
Trinta e seis odres vazios,
Que despejá nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digo missas rezadas,
Todas sejam bem cantadas
Em Framengo e Alenão,
Porque estes me levardo
As vinhas mais carregadas.

E assim por diante... E do mesmo gênero será o testamento do *Borracho* de Vuillier.

A EXECUÇÃO DO MAJOR PANITZA

Talvez que ao ser distribuído o presente numero da ILLUSTRAÇÃO em Portugal, já o príncipe Fernando de Coburgo se tenha convencido de que se não fusti impunemente um bravo militar por crime de patriotismo, — e tenha sido forçado a abdicar a coroa da Bulgária, por imposição da Rússia.

O major Paniza era um grande partidário do sympathico príncipe Frederico de Battemberg, que tantos triunfos havia obtido na guerra contra o rei Milão da Servia.

No dia 2 de fevereiro foi preso, por ordem do sr. Stambuloff, presidente do conselho, como sendo acusado de conspiração contra o governo do príncipe Fernando Coburgo, e de alimentar relações secretas com a Rússia.

O processo do major Paniza foi muito falado em toda a Europa. O conspirador foi condenado

à morte pelo tribunal; mas a opinião pública acreditava que o major fosse agraciado pelo soberano da Bulgária.

Tal não sucedeu. O príncipe Frederico de Coburgo não soube resistir ás instâncias do sr. Stambuloff, — e assinou a condenação á morte do sympathico e exaltado patriota bulgaro.

Paniza foi executado na manhã de 28 de julho findo. A execução realizou-se n'uma praça proximo de Sofia, a capital da Bulgária. Estavam ali formados cinco regimentos. Um destucamento de 21 homens formava o pelotão de execução.

Paniza portou-se com muita coragem. Arrancou o longo com que lhe haviam vendado os olhos; e morreu gritando: « Viva a Bulgária! »

Esta execução não é uma execução — é um assassinato. A morte de Paniza causou a maior sensação em toda a Bulgária, e impressão desagradabilíssima na Rússia. E há quem preveja d'esta odiosa vingança de Stambuloff, ou a morte do príncipe Fernando, ou o ponto de partida para uma guerra na Europa, na qual desempenhe o principal papel — a Rússia.

SUCCESSOS THEATRAES. — LA FILLE DE ROLAND.

Está actualmente em-scena na Comedia França esta tragédia que tem por assumpto o amor da patria, de que é auctor Henri de Barnier, — tragedia que foi representada pela primeira vez n'este mesmo theatro em 1875.

Roland é o famoso paladino, sobrinho de Carlos Magno, immortalizado pelo poema de Ariosto. A sua espada, a famosa Durandal, foi celebrada pelos antigos cronistas franceses.

O papel de Carlos Magno é desempenhado agora por Paula Mounet; e o de Geraldo por seu irmão Mounet-Sully. O papel de Berta, em 1875, criado por Sarah Bernhardt, foi agora confiado à Mlle Dauday — a célebre Mlle Dauday, origem da sabida de Coquelin do Theatro França.

A nossa gravura representa Mounet-Sully (Geraldo), recebendo a espada das mãos de Carlos Magno.

Chamamos a atenção dos leitores para esta curiosíssima gravura, feita sobre uma photographia instantânea, tirada c'um camarote de frente, durante a primeira representação.

A photographia instantânea, á luz electrica, vem hoje em auxilio das obras theatraes para fixar para sempre as scenas mais importantes d'uma peça.

Um dia virá em que, com o auxilio de phonographo e da photographia, não seja preciso ir ao theatro. Uma série de vistas e de audições, será o bastante para uma completa illusão em Lisboa do que á mesma hora se esteja vendendo e ouvindo no Theatro França!

Preparamo-nos para grandes surpresas...



A COROA DO BENEFICIO

PARECE um conto inventado, mas é uma história verdadeira.

Não fui testemunha presencial d'ella, mas contou-m'a uma pessoa que estava no theatro na noite em que essa aventura de amor muito conhecida no Porto teve o seu desenlace tragicó no theatro de S. João.

Porque foi no theatro de S. João que a scena se deu foi, no Porto que se passou essa aventura de camarim, que os cancais de bastidores esplacharam rapidamente por toda uma certa roda da cidade, a roda que frequenta theatros, que anda pelos palcos, que se importa com as cantoras.

A Bernardette estava então fazendo sucesso ali, na capital do norte, sucesso de mulher, por-



Gravura de Ch. Baudé.

ILLUSTRAÇÃO, 3 de agosto de 1891.

MOCIDADE!

QUADRO DE CHAPLIN. — (MUSEU DO LUXEMBOURG).

que era uma veneziana formosissima, sucesso de cantora, porque tinha talento, porque tinha uma voz deliciosa, que começava então a fazer-se ouvir no mundo lyrico e que prometia com o tempo vir a dar muito que falar de si.

Debutara há pouco tempo no theatro, e também na vida.

Era muito nova ainda; casara aos 16 annos, ella, filha de um gondoleiro pobre, com um rico senhor veneziano; mas, *toquée* como quasi todas as grandes artistas, sentindo-se possessa do demônio da arte, atirara um bello dia com o *bonnet* por cima dos moinhos, deixara o seu nobre marido a dar milho aos pombos da praça de S. Marcos e abalara com um tenor frances que por ali passara e que lhe dera umas poucas de lições de canto.

Depois fizera ao tenor o mesmo que ao marido, e divorciada completamente de todas as considerações sociaes, lançara-se de braços abertos na vida theatral.

Como era bonita, como tinha talento, voz e espirito, todas as portas se lhe escancararam de par em par, e a sua carreira, apesar de em começo ainda, ia já triumphantemente.

Por toda a parte onde aparecia — as ovacões vinham ao seu encontro: a gloria começava a bordar-lhe a brillante aureola da celebridade.

Foi no caminho d'essa celebridade que ella veio parar ao Porto.

O emprezario propuzera-lhe escriptura para o theatro de S. João, Portugal; ella enganou-se, tomou São João por S. Carlos, e veiu radiante julgando vir fazer uma época para o theatro lyrico de Lisboa, que, como todos sabem, é um theatro de importancia maxima na carreira italiana.

Quando deu pelo engano ficou furiosa, quiz quebrar a escriptura, recusou-se terminantemente a cantar.

O emprezario supplicou primeiro, depois ameaçou com a polícia e com os tribunais; mas, vendo que ameaças e supplicias davam o mesmo resultado nullo, resolveu-se a oferecer-lhe maior escriptura.

Ella aceitou, embora de mau humor.

Já que estava no Porto, cantou e debutou na *Lucia* com um exito enorme.

A sua voz e a sua beleza produziram uma sensação profundiissima: era um encanto ouvível, era uma adoração vel-a.

O publico começou a faser-lhe ovacões diletantes; os *dilettanti* encheram-lhe o camarote de flores e de declarações apaixonadas.

E no Porto não se faltava n'outra coisa senão na Bernardetti.

Da cantora todos diziam maravilhas: era um hossana em *unisono*; nos canticos á mulher havia notas discordantes — as dos despeitados.

Eram numerosos esses despeitados, eram mesmo todos que se acercavam.

A Bernardetti era caprichosa, *toquée*: a sua virtude não afugentava ninguém, mas o seu capricho rejeitava toda a gente.

Entre essa toda a gente houve um rapaz que a tomou a sério, que a amou loucamente, com uma paixão á *Antony* ou á *Armand Duval*.

Sacrificou tudo a essa mulher: a paz do seu lar, a honra do seu nome.

Fez doidices para lhe obter um olhar; chegou a fazer infamias para lhe alcançar um sorriso.

E alcançou.

Alcançou esse sorriso, obteve esse olhar. Bernardetti deu-lhe todas as esperanças imaginaveis, *coquetteou* com elle com a arte suprema das mulheres que se sentem adoradas, mas, quando chegou o momento de realizar as suas douradas promessas, riu-se-lhe na cara, enxotou-o com o bico elegante do seu sapatilho de setim.

E toda a gente soube da aventura, e toda a gente se riu d'elle como de um tolo.

O amor enorme que elle sentia transformou-se então de repente em odio implacavel.

Ella ferira-o cruelmente no seu amor e na sua vaidade, zombara d'elle, insultara-o, ultrajara-o,

ridicularisara-o vilmente, despiadadamente... Elle juro vingar-se, e vingou-se.

Planeou pensadamente a sua vingança e esperou o momento com serenidade, com sangue frio, sem precipitações nem alarde.

A noite do beneficio da Bernardetti chegou.

O theatro de S. João illuminou vistosamente a sua fachada anunciando festa excepcional — a festa do orago da casa, o beneficio da sua diva.

A porta os contractadores vendiam os bilhetes por altos preços: as platéas e os camarotes bordavam o publico; toda a gente queria assistir ao beneficio da Bernardetti; todos a queriam ouvir n'essa noite cantar pela primeira vez a *Sonnambula*, em que se dizia que ella era maravilhosa; toda a gente queria assistir á grande festa entusiastica que lhe preparavam os seus admiradores e que o boato anunciava já houver muitos dias.

A Bernardetti entrou em scena: as palmas estouraram por todo o theatro; no palco caiu um diluvio de flores.

A formosa cantora era adoravel de simplicidade, de ingenuidade no seu papel de *Amina*.

A cada uma das suas notas, que tinham a vibração de perolas caindo n'uma taça de crystal, respondia uma tempestade de bravos estridentes, entusiasticos.

No rondo, então, que ella caniou magistralmente, lindissima na sua candida toilete branca, com os cabellos louros espargidos sobre o colo nua, o entusiasmo assumiu as proporções de um verdadeiro delírio, a ovacão assumiu as proporções de uma verdadeira apoteose.

De repente, por entre as aclamações ruidosas do publico, no meio palco literalmente atapetado de flores, caiu, atirada de um camarote da ultima ordem, uma formosa e enorme coroa de flores e ouro, uma verdadeira coroa de beneficio, com uma colossal fita, em que se lia, bordado em letras douradas o nome da festejada cantora, e a data d'aquelle sua apoteose artística.

No sala houve um prolongado murmurio de admiração, e os bravos á artista estancaram em todos os labios entreabertos por um movimento machinal, involuntario, de surpresa e de esparto.

Nunca se vira coroa tão formosa.

A Bernardetti, risonha, com o peito nù a arfar da fadiga do canto e da commoção da gloria, encaminhou-se para a coroa, e com um sorriso adoravel, em que transparecia toda a alegre vaidade triunfante da mulher e da artista, curvou-se para a apanhar.

Nisto como que movida por uma mola, a coroa deu um enorme salto, como se fôra um gafunho, e voou rapidamente para o tecto do theatro.

No sala estourou uma gafalhada homérica, unisona, involuntaria, medonha...

A Bernardetti fez-se vermelha como uma pa-poula, depois empalideceu sinistramente e caiu de bruços, no palco, com uma syncope...

O panno desceu logo, e na sala levantou-se um borborinho enorme, em quanto a Bernardetti voltava a si, á força de reagentes, e em quanto da ultima ordem de camarotes sahia um homem com um volumoso embrulho debaixo do braço, e um sorriso terrivel, satanico, nos labios...

No noite immediata o publico indignado preparava á cantora uma desforra brillante do ultreia recebido.

A Bernardetti entrou em scena; acolheu-a uma entusiastica salva de palmas. Passada a ovacão, a diva desceu ao proscenio e abriu a bocca para cantar as primeiras notas da *Sonnambula*. Abriu a bocca, mas em vez de nota saiu-lhe um grito terrivel.

A commoção fortissima da vespera, a coroa do beneficio, fizera-lhe perder a voz.

GERVASIO LOBATO.



OLEO OPHYR, Chácaras extrairados
Para a remoção das e moléstias das calafreias
VINAIGRE DE TOUCADOR, Álcool, Ámbar, Tonico e Dentário
PO DENTIFRÍCIO, Sabor da Flores
O amôxio que limpanda e cura as dentes

COMO DEUS CASTIGA

(CAPÍTULO DE ROMANCE INEDITO)

VI

Sou servido outro sian declarar... que todas as vezes que houver confederação, ajuntamento, vozes sediciosas, tumulto, se oppõem os assim anotados ás milhas Leyes e Ordens, como tais conhecidas, e ao meu, Alto e Supremo poder; ou pertendendo que se não comprâo as ditas Leys e Ordens... se julguem estes crimes, o qualquer d'elles, indubitablemente, e sem haver disputa, se não sobre as provas, por crimes de Sua Majestade da primeira categoria.

REI (D. José I) *Sentença da Alçada — Carta ao Presidente da mesma.*

R ECOLHIA a procissão de Cinza pela uma hora e tres quartos do dia 23 de fevereiro de 1757, quando os sinos du Cathedral e da Misericordia picaram a rebate.

Os magotes de mulheres, rapazes, e homens da infima plebe convergiram primeiro para a porta do Olival. D'ahi estendera-se o tumulto aos pontos principaes da cidade para confluir outra vez em chusmas á Praça das Hortas. Durante o transito da procissão estes movimentos passavam desaparecidos, menos os rumores de vozes mal enfiadas que pareciam rebentar de impaciencias.

Estas vozes eram já inequivocáves á porta do Gouverador das Justicas, do Provedor da Santa da Companhia dos Vinhos, e do Juiz do Povo.

Os honrados e pacificos burgueses, escandalizados do desacato feito a dia de tão religiosa festividate e transidos da sanha popular, apenas a procissão recolhêram sem desconcerto, trançaram-se em suas casas, e espreitaram com terror a irrupção da cratera que reservia desde a vespera.

Ao toque de rebate, ergueu-se medonho alarido na rua Chan, á entrada da rua de Loureiro, onde morava o Juiz do Povo, José Ferreira da Silva, justante na casa onde hoje está aberta uma loja de barbeiro.

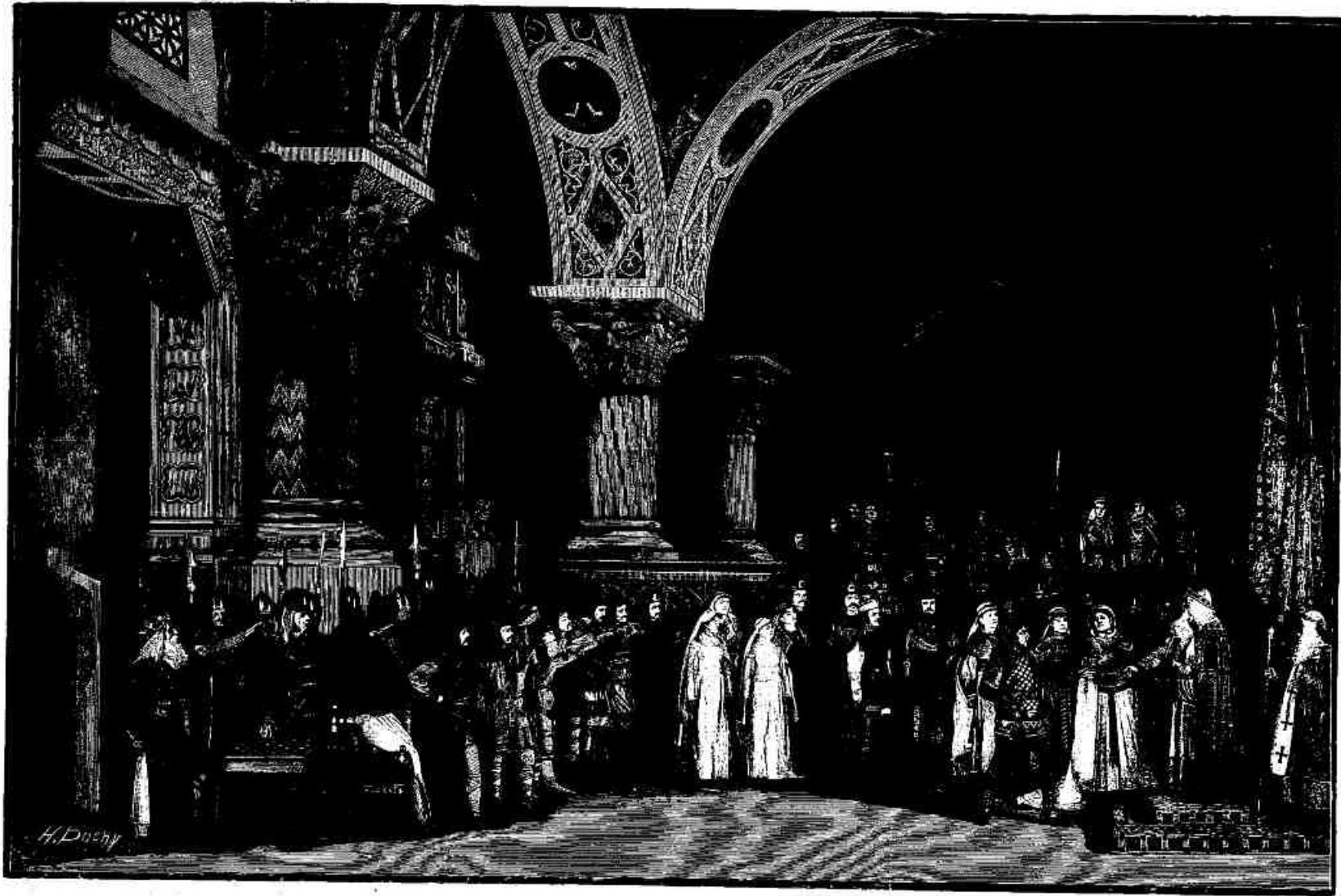
O povo apellidava pelo seu juiz, o qual, chegado o momento de tomar a dianteira do motim, de tanto terror se gelara, que simulou uma doença, mostrando, para que o deixassem, a garrafa do purgante que havia de tomar n'aquelle dia, se o não atacasse a tosse violenta.

A plebe, menosprezando os achaques gastricos do seu covarde caudilho, mandou buscar á ria Nova uma cadeirinha, e forçou o enfermo a incurrular-se n'aquelle veículo, alias irrisorio, para um representante do povo, um tribuno, uma reliquia dos anciãos municipios, que devia arrengar ao chanceler; ao provedor da Companhia, ao regedor das justicas, e ao proprio rei, sendo necessário, em prol do seu povo.

Em redor da cadeirinha atropelava-se uma coria de gaistas que arvoravam bandeirolas encarnadas, com ramos de oliveira e pinho atados na ponta dos varapáos, ou hastes dos balcoens esfarrapados.

Seriam quando muito seiscientos os revoltosos, que encharcavam, voz em grito, átraz do juiz do povo, para casa do cregedor do crime.

Chetes que mais auxiliavam no bando, pelo marcial com que em vão tentavam alinhar e disciplinar, as massas, e pelo arreguionho com que floreavam as longas espadas de copos de tigella, eram Caetano Moreira da Silva, e Domingo



SUCCESSOS THEATRAES DE PARIS. — LA FILLE DE ROLAND, DRAMA DE BONNIE, REPRESENTADO NA COMEDIA FRANCEZA.

A MODA PARISIENSE

O mês de julho é o mês das *villégiatures*. As Parisienses correm para o campo, onde vão descansar das fadigas da estação mundana.

A última manifestação da moda, teve lugar nos corredores de Auteuil e de Longchamps. Algunas creuças eram admiráveis: os mais chicos *froisseurs* andavam unidos a rendas, ou eram realçados com passamanarias d'ouro e prata constelladas de pedrarias.

Quanto à forma, viam-se os vestidos imperio, ou o vestido liso tendo na frente algumas ondulações que faziam prever uma ressurreição das duas salas (*double jupe*) e mesmo do *panier* Luiz XV.

Por enquanto o ensaio é tímido bastante, quasi hesitante, mas nada me surpreenderia que se accentuasse rapidamente; porque muitas elegantes já se lamentam de que a forma absolutamente lisa, presta-se mal às fantasias e toma muito facilmente um carácter uniforme e banal ao alcance de toda a gente, o cuja monotonia é incompatível com qualquer tentativa de originalidade.

Convém notar que muitas costureiras de fraria não fazem excessivos esforços para variar os seus moldes. Querem que as *toilettes* que saem das suas oficinas tenham o que elas chamam em Paris *le cachet de la maison*; e como uma assinatura visível que faz por

toda a parte a reclame da casa. É por isso que poucos alteram ou modifiquem, da modo que fazem sempre o mesmo vestido. Este sistema lheu a resultados tão inoperosos quanto desagradáveis.

Assim, há dias, num reconto da pesagem, em Long-



A MODA PARISIENSE EM JULHO DE 1890. — TOILETTES PARA CAMPO.

champs, dez ou doze senhoras, que nem sequer se conheciam, vestidas pela mesma grande costureira, observavam-se paixões por se verem vestidas do mesmo modo e da mesma fazenda, como se trouxessem o uniforme d'un recolhimento!

Como vêem as toilettes para campo pouco diferem das toilettes de Paris no verão. Fazendas muito ligeiras, crêpes de Chion de preferência; mangas levantadas e enfiadas nas hombroiras; golas fechadas e altas; e

chapéos de palha com fitas ou flores, da estação. — As toques dominam cada vez mais. — Os nós e as fitas empregam-se muito para realçar as rendas verdadeiras ou falsas, que se vêem em profusão. — Os galões de ouro bordados de pedrarias ainda se usam muito, sem por isso terem cabido na banalidade.

As pelerines tornam-se comuns; mas como é inoperável que este pequeno artigo de toilette é muito comumido para trazer, modificam-o com a gola à Medicis e bor-

dados espessos misturados com ouro. Também estão tendo grande sucesso os mantos venezianos.

As cobrins (*boas*) que foram postas de lado, são agora substituídas, para guarnecer o pescoço, pelo tule em bofes, pelas mousseline de seda em fôfes, pelas penas de gallo, de avestruz, etc. Para animar estas gurgantilhas, terminam-as por um nó de fitas, cahindo as pontas compridas pelas costas abaixo.

MARIE DE CAMORS.

gos Nunes Botelho, dois dos mais abastados mercadores de vinho, e sobre todos façanho soldado José Pinto d'Azevedo.

Outros, nem menos aguerridos, nem mais influentes na boa ondade dos tumultuosos confundiam-se nas más cerasias do povo que jogavam uma, contra as outras no phrenesi da raiva convencional.

Entre esses, via-se um homem de rosto sereno, silencioso no meio da gritaria, diferente na limpeza do traje, triste como o remorso, sombrio como o presentimento acerbo, não gestuando jamais, e cruzando os braços onde quer que a multidão parava.

Era Filipe Lopes de Araujo.

Os primeiros gritos de *Viva o povo!* e *morra a companhia!* haviam sido entoados por mulheres, Marin Pinta e Paschion Angelica, desde a Ponta do Olival até à rua Clér, não tinham dado folego aos botes. A segunda parava às vezes, com as mãos nas illargas, para dispor com Gertuites Quintana sobre qual das duas havia de vasar pela janella à rua o provedor da junta da companhia, Belzebe de Andrade.

Eram vinte e cinco as conspiradoras arroladas e assaltantes para romperem o grito. E de crer que a história reclame os nomes por interno d'essas valorosas mulheres, exarados na Sentença da Alcaidaria que temos à vista; nós, porém, faremos apenas especial menção das seis. Joana Maria, de alcunha a Brejeira, Justiza do Cego, Theresia Palaya, Benta Francisca Trípula, Jo-sepha Coimbra, Marianna Loureiro e Maria Engenharia, tudo pessoas de honestidade, um pouco duvidosa, mas dignas de se inscreverem nos fastos das tentativas infelizes contra os monopólios em Portugal.

Entre parentes: — mal diriam elas que os seus protestos só cem annos depois chegariam em fini triunfantes aos ouvidos do ministro que aboliu o exclusivo da companhia! E por certo que se não dali um passo na estrada do progresso sem pisar um chão borbotado de glorioso, e por vezes esquecido sangue de benemeritos holocaustos que muito antes se sacrificaram à posterioridade nas aras de um civilísmo temporário! Quando o país vinha inteiro receber da mão do progresso a grandiosa providência da liberdade mercantil lembrava-se porvera da dos martyres de 1757! Os nomes obscuros dos sparta-portuenses foram commemoerados no dia em que a árvore, regada com sangue, fruittiou em fin?

A multidão parou e bramiu à porta de Bernardo Duarte de Figueiredo, corregedor do crime. O juiz sabiu da cadeirinha um pouco mais convalescente e corajoso do que entrara. Entrou à presença do enfiado magistrado, e leu a representação em que o povo pedia a extinção da Companhia Geral da agricultura das vinhas do alto Douro. Esta representação, digna-se de passagem, obteu mal amanhado do bacharel Nicolau da Costa Araújo, tio paterno de Filipe Lopes, custou a seu autor a bagatela de dez annos de degrado para Angólia e confiscação de todos os seus bens para a real coroa de sua magestade.

O corregedor respondeu que não podia abrogar o Alvará que fundara a dita Companhia sem incorrer no crime de lessa magestade da primeira cabeça. O juiz transmitiu aos revoltosos a resposta do magistrado. Vozes de « morra! » saíram dos pulmões incansáveis do Chata, do Tativatate, e da Marin Ingeitada. O corregedor temia maléficas, e os officines, meirinhos e aguas fugiam pelas trapeiras, recendo a hora da vindicta popular, que os detestava de morto.

A este tempo, Fernandes Leite Lobo, corregedor do cível, ia passando com o provedor e irmãos da Santa Casa da Misericórdia, para prestar-lhe juramento de obediência ao regeador das justiças interino.

O povo, aguerrido mal d'este ajuntamento de figuras encasacadas com os fôsos botes a dependera, soltou primeirito estrepitosos apupos, e

apredoujou-os depois com serinato de caliga e lama que os debantou em sua retirada.

Accidiram alguns soldados, e officines de guerra, como a sentença os denomina. A multidão despejou os aditós do corregedor; mas Filipe Lopes permaneceu tranquillo, de braços cruzados, diante da tropa. Os assustadiços vendo a serena bravura do mais respeitável de entre elles, retrocederam ao ponto desamparado, com temíveis alaritos, e dispersaram a tropa com valentes canhas de pedra.

Os siros pigavam cada vez mais acelerado o alarme.

A gentilharia do Campanhão de Villar, de Cedofeita acusou em magotes. Os taverneiros de Vila Nova de Gaya, com o seu Outubor à frente, deram grande fôlego à revolta, por que vinham armados de modo que pareciam tropa, e marchavam a tros de fundo com dois zumbumbas na vanguarda, horrores de ouvir-se.

Filipe Lopes disse algumas palavras a Caetano Moreira da Fonseca. D'ahi a pouco, o tumulto ordenou para a rua Nova, e parou à porta de Luiz Belzebe de Andrade, provedor da Companhia dos vinhos.

Algumas mulheres, indomáveis a disciplina e a sé mureta dos chefes, accometeram a casa do Belzebe, bradantos: *Quem se deite-se-lhe fogo à papelada, e elle que morra assado!*

A este tempo saíram duas balas das janelas do provedor; uma rangiu a terra o sapateiro Manuel Fernandes, a outra entrou no braço de Filipe Lopes.

O marido da Estrela levou a mão ao braço ferido. Rodeavam-no camadas sobre camadas de povos.

Desse grupo saiu um rugido de vingança, e logo um fúroso assalto a casa do Belzebe.

Ao passo que polas janelas, feitas em pedras, eram lançadas alfaia, páginas, livros e o fato do provedor, Filipe Lopes era levadapara fora da multidão por uma mulher banhada em lagrimas, cabellinos soltos, e rosto affliccivo. Era Amélia. Seguiam-na alguns populares; mas Filipe Lopes voltando para elas disse:

— Isto não é. Direi ao juiz do povo que faça correr o bando, anunciantes ao som dos tambores que esti extinta a Companhia dos Vinhos. O povo é que lava o deuento com o seu sangue.

Não se deteve a execução da ordem. A populaca, cada vez mais rancorosa, ao transportar o presumido cadáver do sapateiro, para o porto de Misericórdia, pôs-lhe mortais ao governo, e ao rei. Um dos subitios oradores n'aquele conflito, obedecendo a uma inspiração de vinho, declarou que brevemente um rei morro viria reinar no Porto, se a Companhia não fosse mandada ao inferno d'onde saíra (1).

Outro afirmou que o vinho da Companhia não servia para o sacrificio da missa, e todos aquelles que assistiam a elle, iam direitos a inferno. Estapirimundi tolise chegou ao conhecimento de Joseph Seabra da Silva, por quanto, em grave linguagem, diz elle, que nome insinuou d'esta ordem só os jesuítas podiam alvirrala.

O bando correu as ruas apregoiando a extinção dos armazéns da Companhia. Os rapazes arrancaram os ramos das tavernas e accenderam grandes foguerias ao longo das ruas.

O mulhorio pinhalando por cima das foguerias dizia obscenidades e chacotas altosivas com o vulgardo rebentivo de riso. A Pascua e a Brigueira foram felicissimas no gênero.

A sorte do Provedor seriu igual à dos deputados da Companhia, se abroire não interviesses, e com ella a lethargia das fúrias já prostradas pelo excesso n'uns, e entreques nos outros.

O que faziam os officines de guerra, e a garançaria do Porto que excedia a oitocentos homens? Tinham fugido à metade dos califas na rua Clér, e não recalcitravam mais. Os officines temeram a sublevação da soldadesca em pra-

dos sediciosos, logo que vieram, entre estes, dois sargentos, e alguns soldados, incitando com negras e promessas os seus camaradas à rebelião.

Ao encorar d'essa dia, oportocediu ao sopro do canussos. Quem atravessasse entre o Porto, não diria que as sanhas populares haviam bravado durante sete horas. Raços grapsos de homens saliam para as suas aldeias entre muros, prometendo-se voltarem no dia seguinte para festejarem a abertura das antigas tavernas, e comprarem ao desbarato o vinho das velhas, pela taxa que os cabos de motim lhe marcassem.

Camilo Castilho Branco.

A PASTA DENTÍFRICA DE BOTOT

VINHO DE ALMADA S.A. — MÉDICAS CASAS
E RUA DA ALMADA, 12 — LISBOA

UNICA VERDADEIRA ÁGUA DE BOTOT

PARIS — 17, RUE DE LA PAIX, 17 — PARIS

Familias com sete filhos.

148.808 famílias, tendo 1.157.514 filhos, foram isentas da contribuição pessoal movele para as finanças de 17 de julho de 1889. Estas 148.808 famílias estavam repartidas sobre 36.025 vilas.

O importe das cotas pessoais suprimidas d'este antigo foi de 267.374 fr. 90, e o das cotas moveis (principais e comuns adiacioneis) de 2.654.200 fr. 85. Foi portanto uma somma de 2.921.574 fr. 75, sejam 15 fr. em conta redonda por família, que foram divididos.

Sobre estu pseudo-subvenção de 2.301.484 fr. 594.047 fr. 68 c. voltaram a 3.575 famílias ricas, 679.226 fr. 70 a 260.677 famílias abastadas e 1.027.615 fr. 37 a 113.636 famílias pouco abastadas sem serem necessitadas, porque os mendigos beneficiam a este título de isenção de qualquer cota.

Os departamentos onde as mais famílias com sete filhos são os do Norte (7.006), do Finistère (6.087), das Côtes-du-Nord (5.220), de Pas-de-Calais (4.848), da Loire-Inférieure (4.163), de Morbihan (4.067).

O extracto que foi feito pela Administração para a applicação d'esta nova lei permite certificar que existem em França 2 a milhões e meio tendo um, 2.300.000 tendo dois, 1 milhão e meio que tem três, cerca de 1 milhão que tem quatro, 550.000 que tem cinco e 300.000 que tem seis.

Observando estes círculos, não deixa de ser interessante assigná-los a prodigiosa vitalidade da raça canadiana.

O governo da província de Quebec tendo anunciado um intento de dar 100 hectares de terra (400.477) a todo o chefe de família que justificasse ser pai de 12 filhos, os pedidos apareceram imediatamente de todos os lados. A Colônia de Québec, cito alguns d'estes pedidos. Em Trois-Pistoles, dois cultivadores, chamados Ouellet e Belisle, tem cada um 35 filhos. Em Belleglace, um homem chamado Gringas conta 34 filhos; um ouero Chrétiens, de Isle, tem 31. O señor Vallençourt, de Kamouraska, acaba de fazer baptizar o seu 37º herdeiro. M. Joseph Dancoze, de Saint-Pascal de Kamouraska, é o pai de 12 vigorosas crianças. M. Michel Fontier d'Orford, conta 17 filhos vivos e acaba de envelhar o seu penúltimo pato obtendo sua parte de 100 hectares. Todas as famílias são de origem francesa.

Sobre a Praia

A penugem das brancas e das pernas que escutam a pele mais branca, desaparece num instante com a *Pelivora* d'uma officina certa e cujo emprego não apresenta nenhum inconveniente. Recomendamos este preparado às nossas leitoras.

A expediente feito franco em todo o Portugal pelo inventor M. Dussar, i. r. Jean-Jacques Rousseau, Paris, conta um val de corso de 21 franceses 75 centimos:

(1) Sentença da Alcaidaria, pag. 5 VIII.

Emprego d'uma corrente eléctrica para aumentar a adherência das locomotivas.

Em vista de aumentar a adherencia das rodas das locomotivas e obter um efeito superior àquella que deu o emprego da areia, Mr. Rees, de Baltimore, imaginou fazer circular uma corrente eléctrica entre as rodas motoras do diante e de traz, e a parte intermédia da via.

Segundo o Engenheiro, foram feitas experiências, com trens compostos de 45 a 48 wagons, sobre uma seção da linha Philadelphia-Bethel, inclinada de 15 por 100 e comprida de 13 kilometros.

Sem o emprego da corrente eléctrica, os trens avançam difficilmente e com numerosas paragens, marcando até 55 minutos para percorrer a distância intera. Com a ajuda da corrente, a subida faz-se facilmente, sem nenhuma paragem, em menos de 30 minutos; verificou-se também uma menor despesa de combustível, consequência natural do trabalho mais regular da machine.

A corrente, fornecida por um dynamo montado sobre a locomotiva, tinha uma tensão limitada de maneira a não apresentar perigo algum, e o machinista podia dirigir à vontade a sua execução sobre a adherência das rodas.



© MAJOR PANITZA

GUERLAIN DE PARIS
GUERLAIN PARIS - ARTICLES RECOMMENDÉS

— 15, Rue de la Paix. — ARTIGUS RECOMMENDADOS

Agua de *Colonia Imperial*. - *Superego*, sabonete de limonete. - *Creme jacóbino* (a un brescol). *Creme para a barba*. - *Crema de Horangan* para amaciante a pele. - *Pó de Farinha* para a preparação a cutis. - *Butter cristalizado*, para o cabello e barba. - Agua *Athenaeus* e agua *Imperial*, para a pele e limpador a cabos. - *Wanda Christiana*. - *Pint Hair*. - *Ramillete de Clávia*. - *Melissolene brasiliana*. - *Imperial de Paris*. - *Imperial Russo*. - *Imperial de Brasil*, para o longo. - Água de *Colonia Imperial* e *Brasília*. - Água de *Cássia* e agua da *Chípore* para o toucador. - *Alcolito* de *Cachecólio*, para a hives.

Mudanca de Domicilio

PERFUMARIA-ORIZA

L'LEGEND de BABIZ

11. Place de la Madeleine (entre 207 y 211) **PARÍS**

PRODUCTOS RECOMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO	ORIZALINA , creme instantâneo.
CHÉRE-MORIZA	ESS-ORIZA , de todos os perfumes
ORIZA-LACTÉO	ORIZA-MAY , água de toalete.
ORIZA-OLEO	O VIZA-POWER , pacote ALTA
ORIZA-TOMBO	ORIZA-NO-CHE , avulsação.

Última Novidade

Producción: VIOLETA ADOLFO CZAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, debaixo do forno de Lapis e Pastilhas de **12 Cheiros**,
A versão em fôrno de carbônico e gás da **Plastimex**.

Em todos os **Perfumistas** e **Cabellereiros**
de França e do Exterior.

A VELOUTINE

POÉ D'ARTOS
especial
PREPARADO CON BISMUTHO
Por CH. FAY, Perfumista
de la Paix, PARIS

BISMUTHIO ALBUMINOSO BOILLE & GRAOS & BROMHIDRATO & QUININA BOILLE & GRAOS

A PASTA EPILATORIA DUSSE

Le Gérant : P. Monillet

Paris — impressa da un trascrittore — 10